



EDITORIAL

A Revista Educação, Artes e Inclusão, no seu terceiro número do ano de 2017, apresenta dez artigos que abarcam discussões, estudos e pesquisas nos diferentes matizes do trabalho educativo, um relato de experiência que aborda a neurociência como uma forma de divulgar ciência utilizando a arte como ferramenta de mediação para a aprendizagem e, finalizamos com uma entrevista com a pedagoga Sandra Regina Carrieri de Souza, temas que perpassam e apresentam valiosas contribuições para o contexto da educação, do ensino da arte, da ação pedagógica, da formação e do trabalho docente, da inclusão, do trabalho educativo como um todo.

Iniciamos com o artigo “Professores de violão para crianças: um estudo sobre estratégias e abordagens adotadas em cursos de licenciatura em Música” da Professora da UDESC, Regina Finck Schambeck com Roveli Bichels e Willian Mota Caitano dos Reis, que relatam uma pesquisa com foco no ensino de violão de crianças na faixa etária de cinco a doze anos, verificando o que pensam professores que atuam em cursos de graduação sobre o ensino de violão para crianças, investigando as estratégias e abordagens utilizadas para a preparação dos professores de instrumentos que atuarão com o público infantil. A partir de pesquisa qualitativa, de revisão bibliográfica e aplicação de questionário autoadministrado, enviado a professores que atuam ou atuaram em nove cursos de licenciatura em música em diferentes estados brasileiros, constataram que maioria dos professores participantes utiliza propostas de trabalho com base no ensino coletivo do instrumento; ressaltam a importância da afetividade na relação professor-aluno; reconhecem como fator determinante para a aprendizagem do instrumento violão o conhecimento sobre o desenvolvimento cognitivo da criança; e recomendam a utilização de atividades lúdicas para melhorar a aprendizagem do instrumento.

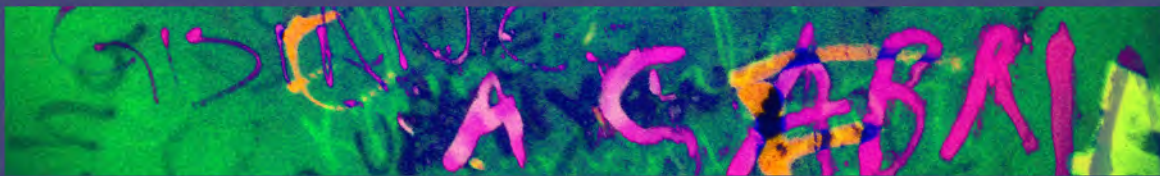
O artigo “Sentimentos da equipe de enfermagem ao atender um deficiente auditivo: desafios do cuidado” das autoras Verônica Francisqueti, Elen Ferraz Teston, Maria Antonia Ramos Costa, Verusca Soares de Souza da Universidade Estadual do Paraná, objetiva conhecer a percepção e sentimentos dos profissionais de saúde sobre as barreiras no processo de comunicação com os deficientes auditivos. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa realizada com os profissionais que compõem a equipe de enfermagem das unidades básicas de saúde, unidade saúde da família, postos de saúde e pronto atendimento municipal,



de um município da região noroeste do estado do Paraná. Onde demonstram que parte dos profissionais de saúde referem sentimentos negativos sobre o atendimento proporcionado aos pacientes surdos, outros descreveram que o atendimento oferecido é realizado com dificuldade, devido à falta de preparo, sendo que essa barreira influencia diretamente no atendimento ofertado, e que na percepção de alguns profissionais o atendimento foi inadequado, frente ao contexto da ação/atuação.

“Arte e docência: notas sobre o projeto transvisões” apresentado por Suzana Feldens Schwertner, Morgana Domênica Hattge, Natália Scuck e Alissara Zanotelli, da Universidade do Vale do Taquari, UNIVATES/RS, descreve um projeto realizado a partir das experiências e estudos de um grupo de pesquisa de um Centro Universitário no interior do Rio Grande do Sul. O objetivo deste relato é apresentar as vivências do projeto, bem como visibilizar a partir de quem/do que ele é pensado e seus efeitos na docência das participantes. As ações do projeto foram oficinas relacionadas à arte, ministradas por artistas locais, tendo como público-alvo professoras da educação básica, envolvendo atividades relacionadas às suas produções artísticas e discussões com relação à criação das obras. Realizaram entrevistas com oito professoras participantes para perceber que a participação das professoras nas oficinas as fez pensar sobre as aprendizagens, tanto de seus alunos quanto as suas; a possibilidade de desconstrução das dicotomias belo e feio, bom e mau, certo e errado, no que diz respeito à arte e docência. As docentes disseram, ainda, potencializar a linguagem artística dentro da sala de aula e manifestaram o desejo da construção de outras propostas que sigam buscando articulações entre arte e docência.

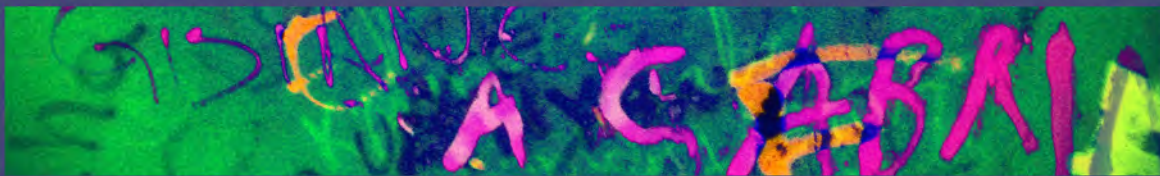
Rejane de Aquino Souza nos apresenta o artigo “A Implantação da Libras nas licenciaturas: desmistificando conceitos”, onde destaca que há desde o ano de 2005, a obrigatoriedade da inclusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como disciplina curricular nos cursos de licenciaturas por todo o Brasil, segundo determina o capítulo segundo do Decreto nº 5.626/2005. Este artigo objetiva descrever um relato sobre uma breve verificação a respeito da relevância da implantação da disciplina de Libras nas licenciaturas para desmistificação de conceitos no meio educacional. Para tanto, foram solicitados a treze acadêmicos de licenciatura matriculados na disciplina de Libras, dois registros por escrito, no início e no fim do semestre, com intuito de se observar possíveis alterações no conhecimento dos alunos sobre surdo e Libras. O resultado implicou na extrema importância da implantação



da Libras como disciplina acadêmica para fomentar a desmistificação de conceitos em vista de uma práxis educacional adequada.

“Considerações sobre a(s) epistemologia(s) da inclusão e a formação docente” é o artigo descrito por Patrícia Cardoso Macedo do Amaral Araújo, e contempla uma pesquisa bibliográfica no campo da Educação Especial, com o objetivo compreender como vem ocorrendo a formação docente no Brasil a partir da perspectiva da educação inclusiva, enfocando a matriz bibliográfica, com referencial teórico de autores como Fernando Becker, Edgar Morin e Boaventura de Sousa Santos. Foi empregada ainda a perspectiva histórico-cultural de Vygotski e de autores que dialogam com essa abordagem a fim de encontrar em seus conceitos aporte para as reflexões apresentadas. O estudo revela que a formação de professores, tanto a inicial como a continuada, deve estar apta para produzir conhecimentos voltados para a prática docente que aprimorem respostas para atender as demandas da diversidade dos alunos presentes na escola. A indissociabilidade da teoria e da prática é o caminho para formar professores capacitados para o pensamento crítico e reflexivo de sua ação pedagógica e criar possibilidades para atender, da melhor maneira, as demandas existentes no cotidiano escolar.

“Políticas Públicas de Formação Continuada de Professores para a Educação Inclusiva no Brasil: O que temos para hoje?” é um relato de Míriam Matos Amaral, doutoranda em Educação e docente na Universidade Federal do Pará, que objetiva analisar as políticas de formação continuada de professores para a educação inclusiva vigentes no Brasil na perspectiva do Governo Federal, ressaltando o modelo de professor que o Ministério da Educação (MEC) defende em suas políticas públicas educacionais. Resultado de uma pesquisa bibliográfica e documental, que partiu de levantamentos em teses e dissertações, revistas científicas e livros de autores que discutem a atualidade da formação continuada de professores para a educação inclusiva. Pesquisa também, publicações do MEC que ressaltam políticas formativas para professores da educação básica dentro da perspectiva da inclusão escolar na contemporaneidade. O estudo aponta que as políticas de formação continuada no Brasil, vem ganhando várias nuances de abordagem de formação, ora centrada no desenvolvimento pessoal do professor, ora centrada na escola, como lócus privilegiado de formação. Ressalta que a formação continuada para a educação inclusiva impescinde uma

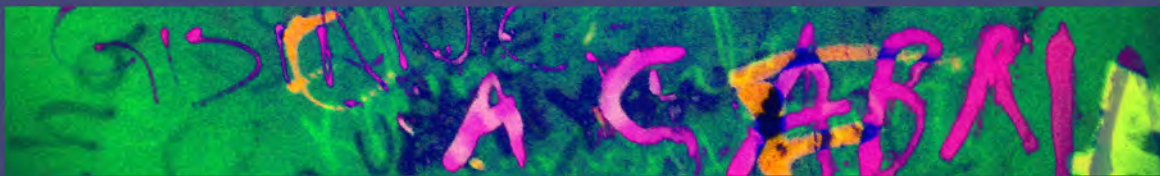


postura protagonista do/a professor/a no processo de ensino – aprendizagem e concomitantemente ações colaborativas no seu principal lócus de formação que é a escola.

O artigo “Formação de cuidadores familiares de pessoas com deficiências: avaliação do projeto Cuidando & Humanizando em Jicoa de Jericoacora-CE”, das autoras Sheila Maria Muniz, Rita de Fátima Muniz e Tania Vicente Viana, descreve os resultados verificados no curso de capacitação “Projeto Cuidando & Humanizando”, com carga horária de 80 h/a, oferecido às famílias no ano de 2013, cujo filho(a) obteve diagnóstico de deficiência, com foco nas adaptações e mudanças ocorridos desde então, finalizando-se com a aplicação de questionário de avaliação aos participantes. Os resultados indicaram que o projeto proporcionou uma melhor percepção dos pais frente às deficiências/dificuldades de seus filhos, por viabilizar o acesso à informação, contribuindo com mudanças atitudinais significativas no processo de ação/atuação dos mesmos.

Dos autores Anunciata Cristina Marins Braz Sawada, Francisco Romão Ferreira e Tania Cremonini de Araújo-Jorge, o nosso oitavo artigo “Cienciarte ou ciência e arte? Refletindo sobre uma conexão essencial”, aborda a relação entre ciência e arte, e testemunha a reconciliação necessária ao nosso tempo, a fim de que ambas possam partilhar e contribuir com elementos essenciais ao ensino e ao desenvolvimento das sociedades. O ensino, a pesquisa, e o desenvolvimento de tecnologias sociais e educacionais sobre a relação entre Ciência e Arte na pós-graduação no Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz assumem o pressuposto de que a associação da arte à educação científica possibilitará aos educadores, e aos seus futuros alunos, desenvolver novas intuições e compreensões através da incorporação do processo artístico a outros processos investigativos, construindo um discurso interno e público sobre a relação entre arte, ciência, atividades humanas, e tópicos relacionados a atividades multidisciplinares e multiculturais. As atividades versam sobre temas variados em ciência, saúde e arte, e evidenciam a aplicação do novo paradigma cienciarte na proposta. Expressam a apropriação do conteúdo debatido ao longo das pesquisas, promovendo o diálogo entre a ciência e a arte, reforçando o conceito “artscience”, ou, em português, “arteciência” ou “cienciarte”.

“O que se pode aprender com projetos de Cultura Visual em espaços não formais de aprendizagem”, o artigo de autoria de Maria Emilia Sardelich, Apolônia Maia dos Santos e Joana Gaviraghi Brustolin, apresenta resultados parciais da pesquisa *A Cultura Visual no Brasil: o estado do conhecimento no período de 2005-2015*, que vem sendo realizada pelo Grupo de



Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O recorte aqui apresentado refere-se ao levantamento bibliográfico realizado nos Anais dos Encontros da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), no período 2005-2015, destacando os trabalhos no campo de estudo da Cultura Visual desenvolvidos em espaços não formais de aprendizagem. A expressão espaços não formais de aprendizagem alude aos territórios que acompanham as trajetórias de vida de grupos e indivíduos, locais que, apesar de se situarem fora das escolas, neles também ocorrem processos de aprendizagem intencionais. Os resultados apontam que a produção acadêmica em Cultura Visual apresentada nos Encontros da ANPAP vem crescendo anualmente e a discussão no âmbito educacional atrai grande parte dos pesquisadores do campo, porém é reduzido o número de projetos que foquem a Educação não formal. As experiências relatadas nos trabalhos analisados fomentaram as aprendizagens teórica, cognitiva, cultural, linguística, simbólica, social, reflexiva e ética.

As autoras Patrícia Nogueira Agüena e Celi Corrêa Neres, nos apresentam o artigo “Educação especial e o ensino de arte mapeando produções”, que tem por objetivo levantar literatura e produção de conhecimento sobre o ensino de arte para o aluno cego na escola comum, com base nos anos de 2000 a 2012, a partir de pesquisas envolvendo o ensino de arte nas escolas e a educação especial. A busca foi realizada nos bancos de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), da SCIELO (Scientific Electronic Library Online), dos anais da CONFAEB (Congresso Nacional de Arte Educadores do Brasil), do banco de trabalhos e pôsteres das reuniões nacionais da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), especificamente dos Grupos de Trabalho Educação Especial (GT15) e Educação e Arte (GT24). Verificaram-se os principais objetivos, metodologias e resultados, visando reflexões para subsidiar a prática do professor de arte na escola; concluindo que ainda há escassez significativa de pesquisas sobre o ensino de arte no contexto da educação especial.

Nosso Relato de Experiências discorre sobre: A arte como mediadora na divulgação de neurociência: relato de experiência do evento “Conhecendo o cérebro”, que é apresentado por Matheus Augusto Silva, Bruna Jamila de Castro, Ana Lúcia De Grandi e Roberta Ekuni. O evento “Conhecendo o Cérebro”, integrante da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, é organizado pelo Grupo de Estudos em Neurociência (Universidade Estadual do Norte do Paraná). Seu intuito principal é divulgar neurociência para crianças e adolescentes, já que a



Neurociência é um tema atual e de constante aparição nas mídias, faz-se necessário que a população conheça mais sobre o assunto. Uma forma de divulgar ciência é utilizar a arte como ferramenta de mediação para a aprendizagem. Desse modo, o presente relato visa discutir as atividades do evento que envolviam a arte. Os resultados positivos obtidos com essas atividades no primeiro ano do evento, motivaram o aumento de estandes que valiam-se da arte como ferramenta para mediar a aprendizagem. O evento foi um sucesso de público, acreditamos que isso se deve ao potencial interativo e envolvente da arte. Com isso, consideramos que estas atividades são apropriadas e significativas como ferramentas para divulgação de conhecimentos de neurociência em eventos expositivos.

A entrevista de nossa revista enfoca o tema da atuação pedagógica dentro do espaço museológico, como questões relacionadas ao acolhimento ao público, a elaboração de materiais pedagógicos e de recursos de acessibilidade educacional e informacional, idealização e realização de oficinas, efetivação de parcerias, entre outras. Sob a responsabilidade de Flora Bazzo Schmidt, a entrevistada deste número é a pedagoga do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Sandra Regina Carrieri de Souza e, assim, encerramos as apresentações deste número.

Os trabalhos aqui apresentados, são a compilação de estudos e pesquisas no campo da Educação, das Artes e da Inclusão, permitindo que possamos ampliar nossos horizontes e acreditar que os processos de ensino inclusivos no ambiente educativo formal e não formal são necessários e evidenciam um avanço no contexto das práticas educativas. O compromisso da REAI com estes estudos e com sua divulgação mostram nosso envolvimento com o processo de ensinar e de aprender.

Findo nosso ano letivo, agradecemos a todos que de diferentes formas e maneiras nos auxiliaram e contribuíram para o nosso processo de contínua qualificação, tornando nossa revista mais reconhecida e valorizada no ambiente formativo e educativo. Desejamos a todos(as) nossos(as) leitores(as) e colaboradores(as), envolvidos no campo da educação, da arte e no processo de inclusão, nossos agradecimentos e desejo de um Novo Ano repleto de alegrias, trabalho e muita produção.